

Revista Mídia e Cotidiano
ISSN: 2178-602X
Artigo Seção Temática
Volume 14, Número 1, jan-abr de 2020
Submetido em: 16/11/2019
Aprovado em: 01/02/2020

“Apenas uma garota”: Greta Thunberg e os enquadramentos da raiva

“Just a Girl”: Greta Thunberg and framings of rage

Henrique MAZETTI¹
João FREIRE FILHO²

Resumo

Neste artigo, examinamos como distintas noções de infância são usadas para invalidar ou enaltecer a liderança política de Greta Thunberg, de 16 anos, que se notabilizou pelo seu ativismo ambiental. O *corpus* da investigação é composto por artigos de opinião e reportagens publicadas na mídia brasileira, em 2019. Na análise, ressaltamos três eixos do debate sobre a legitimidade da atuação pública da estudante: 1) a relevância do discurso infantil; 2) idealizações da infância feminina como naturalmente esperançosa e afável; 3) a medicalização da revolta, a partir do estabelecimento de um nexos entre o transtorno de Greta Thunberg, diagnosticada com síndrome de Asperger, e a veemência de suas críticas. Argumentamos que os embates discursivos sobre a ativista revelam a fragilidade da concepção da criança como sujeito e a inserção restritiva da criança no regime de regulação das emoções atual.

Palavras-chave: Mídia. Infância. Raiva. Medicalização. Gênero.

Abstract

In this article, we examine how different notions of childhood are used to invalidate or extol Greta Thunberg's political leadership. The 16-year old teenager became famous for her environmental activism. For this investigation, we selected opinion articles and reports, published in the Brazilian media in 2019. In the analysis, we identified three strands of debate that revolve around the legitimacy of the student's public performance: 1) the relevance of children's speeches; 2) idealizations of childhood as naturally hopeful and affable; 3) the medicalization of outrage, based on the establishment of a link between Greta Thunberg's disability, as she has been diagnosed with Asperger's syndrome, and the vehement nature of her criticism. We argue that the discursive clashes about the

¹ Professor adjunto do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa. Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde também realizou pós-doutorado júnior, com bolsa do CNPq. Integrante do Núcleo de Estudos de Mídia, Emoções e Sociabilidade (Nemes). E-mail: mazetti@gmail.com. ORCID: 0000-0001-5498-8294.

² Professor associado da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, com pós-doutorado sênior, realizado no PPGCOM da Universidade Federal de Minas Gerais, com bolsa do CNPq. Coordenador do Núcleo de Estudos de Mídia, Emoções e Sociabilidade (Nemes). E-mail: joaofreirefilho@gmail.com. ORCID: 0000-0003-4907-3297.

activist reveal the fragility of the conception of the child as a subject as well as the restrictive character entailed in immersing children in current regimes of emotion regulation.

Keywords: Media. Childhood. Rage. Medicalization. Gender.

Introdução

A cobertura midiática da atuação política da ativista ambiental Greta Thunberg, de 16 anos, constitui um caso exemplar dos conflitos entre distintas idealizações da infância. De acordo com a classificação etária do Estatuto da Criança e do Adolescente, do Brasil, Greta Thunberg já teria entrado na adolescência³. Contudo, uma das estratégias mais recorrentes para deslegitimar sua atuação pública é apresentá-la como “apenas uma criança”. Um dos argumentos centrais das críticas à ativista pode ser resumido na frase do jornalista Rich Lowry⁴: “Com raras exceções — pense, digamos, no filósofo John Stuart Mill, que era um prodígio infantil — as crianças não têm nada de interessante para nos dizer”. As manifestações da estudante sueca não deveriam ser levadas em consideração, já que seriam fruto de imaturidade ou manipulação. Ao retratá-la como uma criança, seus opositores fazem referência a uma infância desprovida da capacidade de agir ou poder de decisão. Passivas e sugestionáveis, as crianças mereceriam atenção apenas na forma de cuidado, mas não como efetivos atores sociais.

Há quem defenda, contudo, que a preocupação – zelosa ou indignada – com a vulnerabilidade infantil de Greta Thunberg é, na verdade, uma estratégia para silenciar a ativista. Referências depreciativas à conduta da estudante sueca baseadas em normas sociais que estipulam como crianças e jovens mulheres devem portar-se em público serviriam para desmerecer a mensagem da ativista de que os interesses mercantis precisam ceder prioridade às questões climáticas e ambientais. Greta Thunberg, por sua vez, se apropria da condição infantil, em alguns momentos, como um recurso discursivo

³ Outros documentos oficiais que norteiam políticas públicas adotam definições mais expandidas da infância. A Convenção Sobre os Direitos da Criança, tratado internacional promovido pela Organização das Nações Unidas e ratificado pelo Congresso Nacional brasileiro, define todo ser humano com menos de 18 anos como criança. Agradecemos às editoras do dossiê pela observação.

⁴ Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/nao-de-ouvidos-a-greta-thunberg/>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

para demarcar sua oposição aos responsáveis pelas tomadas de decisão sobre as questões ambientais – ou seja, os adultos. Assim, a ativista confere poder de ação às crianças, frente à passividade política dos líderes mundiais.

Neste artigo, examinamos como a polêmica em torno da figura pública de Greta Thunberg reverbera e desafia concepções estabelecidas sobre a infância. Mais especificamente, avaliamos como certas noções e pressupostos sobre infância são utilizados para desqualificar ou fortalecer a participação política da ativista ambiental. O *corpus* da pesquisa é composto por artigos de opinião e reportagens veiculadas na mídia digital brasileira em 2019. Foram coletadas 64 matérias, obtidas a partir do acompanhamento de alguns dos principais veículos *on-line* do país⁵ e por meio de consultas aos sistemas de busca virtuais *Google* e *Google News*. Inicialmente, a escolha das matérias se orientou pelo recorte temporal de 20 de setembro a 10 de outubro de 2019, período em que Greta Thunberg recebeu grande atenção da imprensa, devido à sua participação na Cúpula do Clima, realizada pela Organização das Nações Unidas, entre 21 e 23 de setembro de 2019. Posteriormente, a partir do mesmo método de busca, foram incluídas no *corpus* matérias mais antigas, também de 2019, na intenção de identificar rupturas e continuidades no modo como a mídia *on-line* nacional apresentou a estudante ao público. De natureza exploratória, o exame das matérias selecionadas orientou-se pela identificação de padrões discursivos utilizados para qualificar, positiva ou negativamente, a atuação política da ativista ambiental. Assim, identificamos três eixos do debate sobre a legitimidade da atuação pública de Greta Thunberg: 1) a autonomia e a relevância do discurso infantil; 2) idealizações da infância e da juventude feminina como naturalmente esperançosas e afáveis; 3) a medicalização da revolta, a partir do estabelecimento de um nexos causal entre o transtorno de Greta Thunberg, diagnosticada com Síndrome de Asperger, e a veemência de suas críticas.

Após recapitular a rápida ascensão pública de Greta Thunberg, exploramos cada um dos eixos identificados na análise. O estudo de caso demonstra como a condição de

⁵ *Folha de S.Paulo, O Globo e G1, Estadão, Nexo, Veja, El País, Huffington Post Brasil e Gazeta do Povo.* A escolha dos veículos foi orientada pela identificação inicial da existência de matérias sobre o tema em cada um deles.

sujeito das crianças é um contínuo alvo de escrutínio, em meio a tentativas de retirar deste segmento social a possibilidade de indignação social e de atuação política.

O “Efeito Greta”

Greta Thunberg ganhou notoriedade a partir de agosto de 2018: aos 15 anos de idade, iniciou as greves escolares, às sextas-feiras, em um protesto contra o fato de os governantes suecos não terem cumprido as metas do Acordo de Paris sobre a diminuição das emissões de carbono. A “greve escolar pelo clima” chamou a atenção da imprensa mundial, dando início ao movimento *Fridays for Future*, em que estudantes do mundo inteiro faltam às aulas na sexta-feira para reivindicar mudanças nas políticas climáticas globais. O protesto ocorrido em 20 de setembro de 2019, por exemplo, reuniu cerca de 4 milhões de pessoas em manifestações realizadas em 170 países⁶.

A atuação de Greta Thunberg no movimento *Fridays for Future* a transformou em uma das mais proeminentes porta-vozes do ambientalismo global. Ainda em 2018, ela discursou na 24ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP24), na Polônia. Em janeiro de 2019, participou do Fórum Econômico Mundial, em Davos e, ao longo do ano, fez discursos nos parlamentos da União Europeia, do Reino Unido e da França, além de receber o prêmio *Embaixador da Consciência*, da Anistia Internacional, em Washington (EUA). Cada aparição de Greta Thunberg foi acompanhada de ampla cobertura midiática e inúmeras polêmicas.

Sua notoriedade se expandiu em 21 de setembro de 2019, quando a jovem sueca fez um dos discursos de abertura da Cúpula do Clima, na sede das Nações Unidas, evento que reuniu os principais chefes de estado do mundo. Em sua exposição, semelhante aos discursos anteriores, Greta Thunberg acusou os líderes políticos de não fazerem o bastante para garantir a preservação do meio ambiente para as gerações futuras. Seu discurso foi curto. Não bastaram, contudo, mais do que 5 minutos para provocar um intenso debate internacional, que se distanciou, com crescente frequência, das questões ambientais para concentrar-se na legitimidade da atuação política de Greta Thunberg.

⁶ Disponível em: <<https://fridaysforfuturebrasil.org/blog/maior-mobilizacao-da-historia-foi-em-prol-do-meio-ambiente>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

A imprensa segue, com afinco, a trajetória da estudante sueca. A vida pessoal da ativista ganhou constante destaque na cobertura jornalística. Referências à sua origem privilegiada são recorrentes, principalmente após seus vínculos familiares se tornarem alvo de especulação⁷. Sua mãe é cantora de ópera, com longa carreira musical; seu pai e seu avô, atores; a irmã mais nova, aspirante à cantora. A família assina em conjunto o livro *Nossa casa está em chamas – ninguém é pequeno demais para fazer a diferença*, que reúne memórias familiares e discursos de Greta Thunberg⁸.

A saúde mental de Greta Thunberg é o aspecto abordado de forma mais frequente pela imprensa, de acordo com as matérias que compõem o *corpus* de análise deste trabalho. Numa palestra para a versão sueca do TEDx, a estudante revelou que, aos 11 anos, entrou em profunda depressão, parou de falar e comer, sendo diagnosticada com Síndrome de Asperger⁹ (um transtorno do espectro autista) e mutismo seletivo. A partir de então, o transtorno se transformou na característica pessoal mais citada para descrever a ativista sueca. Greta Thunberg não evita sua identificação com o diagnóstico médico: em sua conta no Twitter, apresenta-se como “Uma ativista ambiental e climática de 16 anos com Asperger” e já declarou, em diferentes momentos, que considera a síndrome um “superpoder”¹⁰.

Greta Thunberg é retratada pela mídia como uma estrela, uma *popstar*, mas também como uma “tempestade”. A mídia não só confere à jovem sueca um protagonismo ímpar no ativismo ambiental hodierno, como atribui à estudante um papel mobilizador, capaz de motivar outros jovens a engajarem-se na luta contra as mudanças climáticas. O chamado “Efeito Greta”¹¹ tem sido usado para descrever o surgimento de jovens lideranças políticas, inspiradas pelo ativismo da estudante, que começam a

⁷Disponível em: <<https://glo.bo/329h640>>; <<http://bit.ly/2ugiN3q>>; <<http://bit.ly/2VacsBk>>; <<http://bit.ly/2HyFeDS>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

⁸ O livro foi lançado no Brasil, em 2019, pela editora Best Seller.

⁹ Ainda que o discurso midiático apresente a Síndrome de Asperger como uma doença mental, a literatura médica a descreve como um transtorno de desenvolvimento.

¹⁰Disponível em: <<https://glo.bo/2uZtAz7>>; <<http://bit.ly/39K60VW>>; <<https://glo.bo/32bCINw>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

¹¹Disponível em: <<http://bit.ly/2STQi3G>>; <<https://glo.bo/2V4W1X2>>; <<http://bit.ly/38Hwd7n>>; <<http://bit.ly/325paTq>>; <<http://bit.ly/38GpACo>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

influenciar a política tradicional e impulsionaram candidatos de agenda ambientalista nas recentes eleições para o parlamento alemão e francês.

A inegável força política angariada pela jovem sueca deu margem a muita controvérsia. Os detratores costumam ressaltar a pouca idade, a veemência exagerada dos discursos e o transtorno de Greta Thunberg, com o intuito de deslegitimar o seu ativismo. Todavia, os ataques à ambientalista também suscitam discursos midiáticos em sua defesa. Nas polêmicas em torno da estudante, ocorrem disputas sobre os ideais de infância, as relações de gênero e as formas consideradas apropriadas ou patológicas de expressão da raiva.

“Quem fez isso com Greta?”

Um dos tópicos centrais de discussão dos estudos sobre a infância é a capacidade de as crianças agirem e expressarem-se por conta própria (JAMES, 2009; QVORTRUP, 2005; OSWELL, 2013). É conhecida a etimologia de *infância*, que remetia, originalmente, àqueles que não podiam falar (ARIÈS, 1981). Diversas iniciativas de natureza jurídica e acadêmica sinalizam, atualmente, uma progressiva preocupação em garantir que a criança tenha o direito de ser ouvida e de autorrepresentar-se (TOMAZ, 2019). Contudo, as formas de compreensão da infância disponíveis na contemporaneidade ainda carregam uma forte herança dos modos como a criança foi vista durante a modernidade. Não se abandonou, por completo, a crença de que o período infantil é um momento formativo particularmente vulnerável, em que a criança, pensada como uma espécie de página em branco, pode ser moldada de acordo com o interesse e os desejos dos adultos responsáveis pela sua criação.

Quando os críticos de Greta Thunberg evocam a infância para qualificar o seu ativismo, o ideal de criança passiva, inocente e facilmente sugestionável emerge em grande parte desses discursos. Fundamentadas na visão que retira da criança qualquer possibilidade de autonomia ou de atuação política, as críticas não se dirigem especificamente à ativista sueca; são endereçadas a quem estaria usando a ambientalista como “peão”, “ventríloquo”, “fantoche”, “marionete”, “escudo” ou “linha de frente do campo de batalha”. Alguns dos comentários chegam a compadecer-se de Greta Thunberg, como se suas aparições públicas revelassem uma infância corrompida por influências

políticas perniciosas. Outra linha de argumentos se sustenta, sem muita compaixão, na direta desqualificação da fala infantil.

Após o discurso de Greta Thunberg na Cúpula do Clima, a imprensa nacional publicou uma série de artigos de opinião, escritos por comentaristas brasileiros e do exterior, que exemplificam as estratégias discursivas empregadas para desabonar o ativismo da jovem sueca. O professor e colunista da *Gazeta do Povo*, Francisco Escorsim, em “Greta e The Boys no mundo da mentira”¹², pondera: “Não sei você, desmodelado leitor, mas se eu transformasse qualquer – eu disse qualquer – adolescente como modelo do que quer que seja, isso nada diria sobre o piá ou a guria, mas o suficiente sobre mim.” O autor alega, então, que alguém da idade de Greta Thunberg não deveria receber a atenção nem o protagonismo político que estava recebendo. E justifica o posicionamento com a sugestão de que a ativista não estava agindo por conta própria, mas era apenas reflexo de modelos ruins: “Nada contra ou a favor da menina Greta Thunberg, mas tudo contra quem a está usando descaradamente, seja para o que for”.

Em textos como esse, estabelece-se uma relação hierárquica rígida entre adultos e crianças. Enquanto as crianças são desprovidas de autonomia e capacidade de avaliação, os adultos são descritos como dotados de plenos poderes para manejar a atenção, os interesses e as ações dos mais jovens. Desse modo, desenvolvem-se posicionamentos críticos que se fundamentam na vitimização infantil para atacar aqueles que se valeriam da suscetibilidade das crianças com o intuito de promover valores considerados suspeitos. Dennis Prager, radialista conservador estadunidense, pretendeu demonstrar que a esquerda se aproveitaria da vulnerabilidade infantil para se promover, a partir de uma discussão sobre a estudante sueca¹³. Segundo o autor: “se você não consegue vender sua histeria para os adultos, tente as crianças. E foi isso o que a esquerda fez. Afinal, ninguém é mais maleável ou facilmente doutrinável do que as crianças”.

Outros atores foram mencionados como responsáveis pela manipulação de Greta Thunberg. Após afirmar que “Não há, decerto, nada mais covarde e inescrupuloso do que

¹²Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/francisco-escorsim/greta-e-the-boys-no-mundo-da-mentira>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

¹³Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/dennis-prager-esquerda-criancas/>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

empurrar crianças para a linha de frente do campo de batalha, seja esta física, política, cultural ou religiosa”, o escritor brasileiro Flávio Gordon cita quem seriam as figuras que controlam a estudante sueca. Em sua coluna, “A mão que balança Greta”¹⁴, o autor reúne alguns dados comprovadamente falsos (como a informação de que os pais de Greta Thunberg fariam parte do movimento social Antifa) para apresentar a ativista como uma fachada especialmente conveniente para o ardiloso projeto de poder do globalismo de figuras como George Soros e Al Gore.

Entre os textos que apostam na vitimização de Greta Thunberg, um dos mais contundentes foi o artigo do jornalista inglês Brendan O’Neill, originalmente publicado no *site* britânico *Spiked*¹⁵. De acordo com o jornalista, não é o meio ambiente que precisa ser salvo, mas, sim, Greta Thunberg:

Quem fez isso com Greta? Quem transformou uma estudante brilhante e curiosa de 16 anos em profeta de horror, em uma jovem que admite sentir terror e que acredita que a Terra está pegando fogo? Adultos fizeram. As elites educacionais, políticas e culturais com infusão de verde o fizeram. As pessoas que alimentam as crianças com uma narrativa de eco-medo há anos fazem isso.

Nos comentários que se opõem ao ativismo de Greta Thunberg, uma das reclamações mais comuns é a de que sua atuação política seria especialmente danosa porque, devido à idade da ativista, ela não poderia ser exposta ao contraditório. Tratar a estudante sueca como inimputável, porém, traz pelo menos dois benefícios aos seus opositores. É uma estratégia para desmerecer os posicionamentos políticos de Greta Thunberg – afinal, de acordo com o argumento, ela não tem maturidade para compreender plenamente o que está falando. E é, ainda, um modo de apresentar adversários políticos da ativista como diligentes defensores de uma infância em apuros. Desse modo, alguns comentaristas assumiram um complacente posto de superioridade moral, sendo capazes, até mesmo, de transformar a ativista em alvo de piedade. “Desculpe-me, menininha; ao te ouvir reagi mal, te tratei como um ser adulto e não como vítima de um bando de caras-

¹⁴Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/flavio-gordon/a-mao-que-balanca-greta/>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

¹⁵ A coluna foi traduzida e publicada no Brasil em: <<https://petronoticias.com.br/archives/135781>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

de-pau”, declara Roberto Rachewsky, empresário e blogueiro do Instituto Liberal¹⁶. O autor destaca, então, exemplos históricos de maus-tratos à infância antes da modernidade, em que crianças eram usadas para o entretenimento de adultos, na China e na Inglaterra. O que estaria sendo feito com Greta Thunberg não seria muito diferente, afirma o empresário. Por fim, ele aconselha: “Greta, amadureça, torne-se independente, não se preocupe com o mundo, o mundo cuida de si. Importe-se com as atrocidades que estão fazendo contigo”.

Enquanto alguns críticos de Greta Thunberg não atribuíram a ela o seu próprio discurso, outros defendiam explicitamente ignorá-la. Em “Não dê ouvidos à Greta Thunberg”¹⁷, Rich Lowry, editor da revista conservadora norte-americana *National Review*, compara as reivindicações da ativista à birra infantil (“Grande parte da defesa do clima dos jovens se resume à queixa que todos os pais conhecem bem: ‘Eu quero e quero agora’”). O autor sugere ainda que a preocupação dos jovens com o meio ambiente pode adoecê-los. E, ao terminar o texto, apresenta uma definição de quem considera sujeito e quem é objeto na vida política: “Isso é loucura, e são os adultos que são responsáveis em última instância. Quanto às crianças, elas ficarão bem. Um dia, eles crescerão, mesmo em um mundo mais quente”.

Kyle Smith, outro analista conservador da *National Review*, demonstrou incômodo com o discurso da estudante, em um artigo que a comparava a Lisa Simpson, personagem infantil de *Os Simpsons*, conhecida por suas posições políticas progressistas¹⁸:

“Não deixaremos vocês saírem incólumes disso”, declarou Thunberg. “Agora é o momento em que damos um basta”. Se não o quê? Ela vai prender a respiração até ficar azul? Vai se recusar a fazer a lição de casa? Meninas de dezesseis anos não dão ultimatoss. Uma menina que não tem idade nem para alugar um carro não é qualificada para mudar a economia mundial.

¹⁶Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/uma-carta-de-desculpas-a-greta/>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

¹⁷Disponível em:< <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/nao-de-ouvidos-a-greta-thunberg/>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

¹⁸Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/greta-thunberg-uma-mistura-de-lisa-simpson-e-bane/>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

De acordo com James (2009), foi com intuito de desbancar afirmações como essa que, desde os anos 1980, os estudos sobre a infância têm priorizado a questão da agência infantil. Até então, com apoio da psicologia do desenvolvimento e da sociologia funcionalista, as ciências sociais sustentavam, predominantemente, a compreensão da infância como uma espécie de jornada, cujo destino seria a vida adulta. Vistas como receptáculos para os ensinamentos dos mais velhos, as crianças não eram consideradas participantes ativas da sociedade, mas indivíduos em formação, que demandavam apenas cuidado e treinamento da sociedade.

Entender a criança como um agente social, ao contrário, significa assumir que ela, além de ter uma participação ativa na construção da sua própria vida, atua de modo significativo no cotidiano da sua família e da sociedade. Como afirma James, “o agente é alguém que faz algo com outras pessoas e, ao fazê-lo, faz coisas acontecerem, contribuindo assim para processos mais amplos de reprodução social e cultural” (JAMES, 2009, p. 41). A autora salienta ainda que nem todas as crianças possuem as mesmas capacidades de agência e indica a necessidade de reflexão sobre em quais condições particulares as crianças podem ser inibidas ou incentivadas a exercer sua autonomia.

Oswell (2013) argumenta que a crescente preocupação teórica com a agência das crianças nos anos 1980 foi motivada tanto por questões metodológicas quanto políticas. Por um lado, os pesquisadores desejavam desenvolver reflexões sobre a criança que partiam do próprio cotidiano e das experiências infantis, e não dos modos como os adultos as imaginavam. Ao valorizar o que a criança era em si mesma, e não apenas o que ela era pelo olhar adulto ou pelo que ela se tornaria, inúmeras questões puderam ser trabalhadas. Por outro lado, as reflexões sobre a autonomia infantil tinham como propósito, “reequilibrar as desigualdades de poder observadas ou encontrar maneiras de pesquisar as crianças de um modo que não reproduzisse os preconceitos do poder” (OSWELL, 2013, p. 39).

Simpático ao intuito político do movimento teórico, o autor problematiza, no entanto, o conceito de agência, ao defender que as formas de agir e o poder de afetar o mundo das crianças são dispersos e desarticulados. Oswell questiona, dessa forma, o caráter dicotômico das maneiras de se pensar a criança como socialmente passiva ou ativa, dotada ou não de agência, capacidade e poder. A própria constituição da agência

infantil tem caráter histórico, na opinião do autor, e suas condições estão em constante negociação e mudança.

Com argumentos não muito distantes da reflexão acadêmica dos estudos sobre a infância, alguns textos midiáticos também se pautaram pela discussão sobre a autonomia infantil para defender a atuação política de Greta Thunberg. O jornal *Nexo*¹⁹ entrevistou a psicanalista, professora e pesquisadora Maria Homem para contextualizar as ofensas dirigidas à estudante sueca. O protagonismo político da juventude causaria desconforto, de acordo com a especialista:

Greta diz o seguinte, “eu quero falar, eu posso falar, eu tenho lugar de cidadania aqui”. Esse movimento que vai ser uma das últimas das revoluções, depois da feminista, negra, anticolonialista. As crianças também são sujeito, essa questão revela isso de maneira clara.

Em sua coluna no *site do El País*, Eliane Brum²⁰ também saiu em defesa de Greta Thunberg. Segundo a jornalista, as sugestões de que a ambientalista sueca estava sendo manipulada eram um modo de estabelecer que crianças e adolescentes não têm voz:

O silenciamento é uma forma de destruição da infância: dizer que uma criança ou adolescente não pode falar por si mesmo ou, se fala, não sabe o que diz ou está apenas reproduzindo o que seus pais ou outros adultos lhe mandaram dizer. Negar autonomia e capacidade para falar de sua própria experiência é uma violência contra as infâncias. Essa manipulação do que seria a infância – uma época da vida sem direito à voz própria – é de uma precariedade asquerosa.

Já Helen Beltrame-Limmé, em artigo para a *Folha de S. Paulo*²¹, atribuiu o ativismo de Greta Thunberg à cultura e ao sistema educacional da Suécia:

Greta Thunberg cresceu numa sociedade na qual a criança tem, pelo menos em algumas áreas da vida, tanto poder quanto os adultos [...] A criança sueca aprende desde cedo que nada é mais importante que sua integridade, física ou moral. Nada mais natural, logo, do que se rebelar

¹⁹Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2019/09/27/por-que-a-ativista-greta-thunberg-%C3%A9-alvo-de-tanto-ataque>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

²⁰Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/26/opinion/1569507094_579592.html>. Acesso em: 17 jan. 2020.

²¹Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/09/greta-thunberg-e-fruto-de-um-modelo-nordico-onde-dinheiro-nao-fala-cao-alto.shtml>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

contra um sistema que ameaça sua própria existência. Também não espanta que Thunberg tenha optado por um ativismo diferente, que vigorou por muito tempo sem grandes iniciativas institucionais. Não havia em sua mentalidade sueca a necessidade de se agir como os adultos: sua voz de criança também valia.

Ao contrário dos antagonistas de Greta Thunberg, que a retratam como uma figura desprovida de relevância, dotada de uma voz que meramente ecoa aspirações e interesses de outras pessoas, as articulistas que a defendem enfatizam, talvez de modo reativo, justamente a ruptura que a ambientalista sueca simboliza ao assumir, aos 16 anos, o protagonismo de ações políticas. Em todos os textos, não é a associação da ativista à infância que é questionada. O que se critica é a compreensão da criança como um segmento social incapaz de possuir uma realidade própria ou contribuir positivamente para a sociedade.

Quando Greta Thunberg fala sobre sua idade ou sobre o conflito de gerações, ela assume um tom acusatório em relação aos mais velhos. Uma matéria do *Estadão*²² reproduz um diálogo em que, após alguns adultos celebrarem Greta Thunberg pela sua iniciativa, a ativista teria comentado: “Às vezes, incomoda quando as pessoas dizem, ‘você, crianças, você, jovens, são a esperança. Você salvarão o mundo’. Acho que seria útil se vocês nos ajudassem só um pouco”. Já em uma entrevista para a revista *Veja*²³, após ser perguntada sobre as ofensas que recebe por causa da sua idade, a ativista respondeu:

Há ainda aqueles adultos que alegam que eu e outras crianças não deveríamos agir dessa forma porque somos jovens. E eles estão certos: não deveríamos estar protestando. Não gostamos de matar aula. Queremos uma infância comum, igual à de todos. Mas sabemos o que está em jogo e que temos de fazer algo para mudar o cenário. Os adultos são os responsáveis pelo fardo que ficou para nós.

A estratégia de reivindicar para os jovens a responsabilidade de promover as alterações necessárias para a preservação do meio ambiente, uma vez que os adultos são

²²Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/nytiw,aos-16-sueca-ativista-do-clima-e-indicada-ao-nobel-da-paz,70002774603>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

²³Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/greta-thunberg-a-menina-que-se-tornou-o-rostro-das-causas-sustentaveis/>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

omissos, repete-se em outras falas e discursos da ativista. Por um lado, esse posicionamento demanda dos adultos que a participação política das crianças e dos jovens seja reconhecida. Por outro, alguns críticos enxergam a aspereza da postura de Greta Thunberg como algo incongruente com a sua idade. Pouco adepta ao ideal de criança dócil e obediente, a estudante sueca não se esforça para conter sua raiva.

“Greta Thunberg precisa se controlar”

Alguns dias após Greta Thunberg discursar na Cúpula do Clima, na sede da ONU, um vídeo editado de sua participação no evento começou a circular nos *sites* de redes sociais. No vídeo, a voz de Greta Thunberg foi alterada, ganhando um tom gutural para acompanhar a trilha sonora *death metal* (subgênero do *heavy metal* com letras particularmente sombrias e ritmo extremamente veloz). A versão metaleira do discurso da ambientalista foi recebido com bom humor. O vídeo atingiu, em uma semana, a marca de 4 milhões de visualizações. O criador da paródia, John Mollusk, músico e *youtuber* dos Estados Unidos, garantiu que a verba arrecadada com a música seria destinada para o Green Peace. A revista *Veja*²⁴ reproduziu um comunicado da gravadora do artista: “Honestamente, Greta é a representação do rock em todos os sentidos. Ela não se curva, é durona e não dá a mínima para o que pensam dela”. A ambientalista deu continuidade à brincadeira, ao afirmar, em sua conta do Twitter: “Vou deixar essa história de mudanças climáticas... De agora em diante vou me dedicar ao death metal”.

Uma parte do humor do vídeo advém do modo como ele ressignifica, ironicamente, as críticas dirigidas à Greta Thunberg baseadas na ideia de que a veemência com que a ativista expressa seus posicionamentos e demandas não condiz com o comportamento esperado de uma jovem de 16 anos, especialmente uma mulher. Em vez de ser esperançosa, Greta Thunberg demonstra insegurança sobre o futuro, devido ao descuido generalizado com o meio ambiente. Longe de ser recatada ou dócil, a ativista é firme, direta e combativa. Em uma análise da ascensão pública da ambientalista, o *site* brasileiro da BBC²⁵ observou que “Sua honestidade brutal é outra coisa que incomoda”.

²⁴Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/discurso-de-greta-thunberg-ganha-versao-metaleira/>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

²⁵ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49844322>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

A raiva demonstrada por Greta Thunberg se transforma, assim, em outro modo de desmerecer sua atuação política. Questionado sobre a ativista, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, respondeu em tom de deboche: “Ela parece ser uma jovem menina muito feliz, que está a caminho de um futuro maravilhoso e brilhante. Muito bom ver isso!”²⁶. O Chefe de Estado da Rússia, Vladimir Putin, respondeu de maneira semelhante, ainda que mais condescendente: “Tenho certeza de que Greta é uma menina gentil, muito sincera, mas os adultos devem evitar levar adolescentes e crianças a situações extremas. Devem protegê-los de emoções extremas que podem destruí-los”²⁷.

O argumento de que a atuação política de Greta Thunberg se baseia em “emoções extremas” ou inadequadas foi desenvolvido por vários analistas. Alguns, mais fiéis à tradição moderna de atribuir superioridade à razão em detrimento da emoção, lamentavam que um tema tão sério como o das mudanças climáticas fosse tratado não só por uma criança, mas por uma criança “fora do controle”, propensa a “chantagens emocionais”, como denunciou Flávio Gordon, em um artigo já citado²⁸. Para tais críticos, a ideia de emoção se aproxima, ainda, das primeiras formas em que o vocábulo foi dicionarizado em língua portuguesa, quando ele referia-se a alvoroço, perturbação da estabilidade ou comoção popular (FREIRE FILHO, 2003). Nesses termos, a raiva só pode ser pensada como uma emoção “extrema”, uma afronta a qualquer tentativa de ordenação social. Todavia, como Lyman (2004) argumenta, a expressão da raiva carrega potencial político construtivo, na medida em que ela pode dar visibilidade a injustiças que de outra maneira seriam silenciadas pelas estruturas de poder dominantes.

Para *enquadrar* a raiva de Greta – tanto na acepção de *construir uma narrativa*, quanto no sentido de *disciplinar* (“o pai precisa enquadrar este menino”, exemplifica o *Dicionário Houaiss*) –, os críticos recorrem, com notável frequência, à antiga noção de histeria. Ao comentar negativamente sobre a ambientalista sueca, o escritor Luiz Felipe

²⁶ Greta Thunberg retribuiria a ironia ao transformar a descrição de Trump temporariamente em sua descrição, na conta do Twitter. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/trump-ironiza-greta-thunberg-que-da-a-melhor-resposta/>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

²⁷ Greta Thunberg também respondeu a Putin alterando ironicamente sua descrição no Twitter. Disponível em: <<https://istoe.com.br/greta-thunberg-debocha-das-declaracoes-de-putin-a-seu-respeito/>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

²⁸ Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/flavio-gordon/a-mao-que-balanca-greta/>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

Pondé afirma que “sua histeria raivosa clara é coisa de criança mimada”²⁹, atrelando a histeria à questão etária. Outros comentaristas usam o termo de maneira mais ampla, para sugerir que Greta Thunberg estaria reproduzindo uma “histeria climática” ou política. Dennis Prager, por exemplo, observa que “é fundamental lembrar que histerias [...] são para a esquerda o mesmo que o oxigênio é para a vida. Sem oxigênio, não há vida; sem histeria, não há esquerda”. Histérico seria, portanto, o discurso apocalíptico de Greta Thunberg, ao denunciar as consequências catastróficas das mudanças climáticas causadas pela ação humana.

Omitida, atualmente, dos principais manuais e classificações de diagnósticos da literatura médica, a noção de histeria tem um passado singular. Recuperá-lo é fundamental para compreender como o termo é usado com o intuito de qualificar o modo como Greta Thunberg demonstra sua indignação. Ainda que possua longínquos antecedentes – histeria remete a *hystera*, útero em grego –, sua popularização alude aos primórdios da psicologia, no século XIX. A histeria foi descrita, então, como um tipo de neurose que acometia sobretudo mulheres e ganhou, de Sigmund Freud, uma famosa explicação de natureza sexual. Historicamente, a ideia de histeria serviu – e, como observamos no caso de Greta Thunberg, continua a servir – para patologizar reações emotivas femininas consideradas excessivas ou inapropriadas.

O pensamento ocidental costuma tratar a emoção como atributo feminino e a razão como apanágio masculino. A definição das mulheres como criaturas emotivas subentende, entretanto, a experiência de emoções “mansas”, “pacíficas” (JIMENO, 2004) – distintas, portanto, da raiva, que “sugere ação, baseia-se na posse de direitos e implica poder” (BLAUVET, 2007, p. 119). Em um vigoroso desafio às idealizações de uma feminilidade naturalmente incapaz de expressar ira, a crítica feminista norte-americana dos anos 1970 valorizou o potencial político da raiva, conforme descreve Grasso:

Em ensaios, discursos, manifestos e ações diretas, as revolucionárias feministas livraram a raiva de suas conotações pejorativas, dissociando-a do medo, da destruição e da masculinidade, e vinculando-a com a coragem, o crescimento e a irmandade. Elas reconheceram a relação da

²⁹Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2019/10/a-guru-mimada.shtml>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

raiva com a consciência política individual e coletiva; elas teorizaram acerca de seu potencial para tornar-se “uma poderosa fonte de energia em prol da mudança e do progresso”; elas desfrutaram de suas capacidades transformadoras. A raiva exigiu atenção, fomentou entendimento, arte, ação; ela expôs conhecimentos que haviam sido enterrados, discursos que tinham sido silenciados (GRASSO, 2002, p. 4).

O viés de gênero embutido nas críticas à ferocidade com que Greta Thunberg se manifesta publicamente ganhou traços mais explícitos num comentário do jornalista Gustavo Negreiros em um programa de rádio na emissora 96 FM, do Rio Grande do Norte. Após chamar o discurso de Greta Thunberg na Cúpula do Clima de “crise de histeria”, o radialista provocou: “Ela está precisando você sabe do quê? Ela está precisando de um homem”. Sua companheira de programa interveio, lembrando ao apresentador que Greta Thunberg era um adolescente de 16 anos e que suas insinuações não tinham relação com o tema. Mas, Gustavo Negreiros prosseguiu: “Se ela não gosta de homem, se ela é lésbica, que ela pegue uma mulher. Ela está precisando de sexo. Ela é uma histérica, uma mal-amada”. O jornalista foi demitido no dia seguinte, após três dos quatro patrocinadores abandonarem o programa de rádio³⁰. Opiniões semelhantes, porém, proliferaram nas seções de comentários das notícias sobre a ativista.

Percorrendo textos filosóficos e enciclopédias alemães do século XVIII e XIX (responsáveis por processar, condensar e legitimar o conhecimento produzido em todos os campos de pesquisa empírica e de reflexão metafísica), Frevert (2011, p. 89-100) se deparou com visões alternativas acerca das ligações perigosas entre as mulheres e a ira. Alguns autores conjecturavam, naquela época, que as mulheres eram incapazes, por natureza, de experimentar a raiva: devido à estrutura frágil, elas estariam desqualificadas – constitutivamente – para atuar, de modo enérgico, em benefício próprio, tendendo mais para a astenia. Na opinião de outros observadores, o traço diferencial não era a ausência de vigor físico, mas a incapacidade de autocontrole emocional. Faltavam às mulheres força de vontade e disciplina moral para comedir seus impulsos ou para direcionar o ímpeto da raiva em direção a objetivos públicos nobres — como reparar injustiças,

³⁰ O vídeo do programa de rádio viralizou nas redes sociais e pode ser visto em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/radialista-e-demitido-apos-ataque-a-greta-thunberg-passei-do-ponto/>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

defender a nação e proteger os mais fracos. A propagação destes diagnósticos impôs às mulheres ciosas de sua reputação um “trabalho emocional” imprescindível: evitar ou ocultar a raiva, no ambiente doméstico e na esfera pública.

As enfáticas condenações da *raiva feminina* (que irrompia em torrentes de palavras e de ameaças) tinham um conteúdo paradoxal: por um lado, eram concedidos às mulheres sentimentos que possuíam um “efeito *empoderador*” — “As mulheres, aqui, entraram no palco como atores vigorosos que atacaram e assustaram os seus adversários, mesmo que a sua agressão fosse somente verbal” (FREVERT, 2011, p. 95). A fúria, portanto, transformava a fraqueza das mulheres em força. Por outro lado, essa mesma força era, cada vez mais, julgada inconveniente. As mulheres que não conseguiam resistir à emergência da cólera violavam, ao mesmo tempo, o padrão burguês de *civilidade* e o de *feminilidade* (assentado na expectativa de que as mulheres fossem movidas pelas “paixões ternas”, experimentando a raiva apenas com um “sentimento de impotência”, que redundava, amiúde, em lágrimas). Além de causar danos à imagem pública, a raiva das mulheres podia trazer consequências perniciosas para a sua prole. De acordo com a opinião médica hegemônica no século XVIII, lactantes enraivecidas punham em risco a saúde e quiçá a própria vida de seus filhos: “O leite iria azedar e causar convulsões que podiam, eventualmente, matar o bebê” (FREVERT, 2011, p. 95).

Se críticas a Greta Thunberg se valeram de estratégias históricas de constrangimento das emoções femininas, surgiram também, na mídia, textos informados pela perspectiva feminista que denunciavam o machismo no qual se alicerçavam alguns dos ataques mais virulentos à ativista. A especialista em linguística, Jana Viscardi³¹, argumentou: “é já velha e conhecida a estratégia de atribuir ‘selvageria’ às mulheres que se expressam para além do doce. Chamar Greta de ‘indomável’ e ‘histórica’ aponta justamente nessa direção. Dar foco e buscar ‘corrigir’ sua raiva também”. Consciente dos modos como as formas de regulação social das emoções revelam hierarquias de gênero, a autora ainda afirmou:

³¹ Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/o-machismo-daqueles-que-atacaram-o-discurso-de-greta-thunberg-na-onu-184018157.html>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

Dilma era ‘durona demais’. Não era bom. Greta expressa raiva. Também não é bom. Quando a mulher expressa sua opinião, diz-se que ela fala demais (e há estudos que mostram que, na verdade, mulheres não falam mais que homens, mas, ao falarem, são vistas como verborrágicas). Dessa forma, o único caminho possível parece ser o da doçura e da parcimônia, que a mantém na marginalidade, nas franjas da história, como já de costume.

Lola Aronovich³², professora que empresta seu nome a uma lei federal que criminaliza mensagens de ódio contra mulheres na internet, observou que as mesmas pessoas que a perseguem há anos, agora se voltam contra Greta Thunberg.

Nenhuma novidade no front. A direita é sórdida e não se acanha de espalhar mentiras contra qualquer mulher ou menina que seja ouvida. E sempre usando uma de suas principais armas, o machismo. Já fez e continua fazendo isso comigo. Talvez seja importante não levar para o lado pessoal: não me atacam por eu ser a Lola, mas por eu ser feminista. Não atacam Greta por ser Greta, mas por ser uma ativista climática.

O machismo que ordenaria julgamentos sobre a atuação da ativista sueca também seria responsável, segundo a jornalista Madeleine Lacsco³³ por definir quem pode ter e expressar raiva. Colunista do *Gazeta do Povo*, veículo que abrigou o maior número de opositores de Greta Thunberg na mídia nacional, a autora também questiona o tom emotivo do discurso da ambientalista: “Foi muito fígado com uma pitada de ressentimento e frases feitas, coisa que enfraquece toda a trajetória da adolescente numa oportunidade que me pareceu sob medida para engrandecê-la”. Entretanto, a colunista observa, de modo crítico, um descompasso no posicionamento daqueles que censuram Greta Thunberg pela sua agressividade, enquanto “O presidente da República, Jair Bolsonaro, é tratado como autêntico e espontâneo. Experimente dizer que ele é agressivo e verá a ira nas redes sociais.” Não é necessário, contudo, visitar *sites* de redes sociais. Basta observar a seção de comentários da própria coluna de Madeleine Lacsco para

³²Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/09/30/extremistas-que-atacam-greta-thunberg-sao-os-mesmos-que-me-perseguem/>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

³³Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/a-protagonista/a-menina-gretha-e-agressiva-demais-bolsonaro-e-autentico/>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

perceber que a autora comete, na opinião dos leitores do veículo, um erro crasso³⁴. De acordo com seu público conservador, algumas formas de expressão da raiva são, de fato, mais legítimas do que outras. Afinal, como afirma Lyman, “a domesticação da raiva é uma das maneiras pelas quais o poder político e a autoridade são criados” (LYMAN, 2004, p. 145).

Tornam-se visíveis, assim, as divergentes valorizações da raiva e da autenticidade, baseadas em distinções de gênero e *status* social. A franqueza, codificada como uma expressão pessoal autêntica, justificaria a falta de modos (no limite, grosseira) de alguns atores que gozam de privilégios sociais. Para outros grupos, porém, a veemência na demonstração da revolta não seria atrelada à autenticidade, mas descrita como uma agressividade reprovável, fruto da incapacidade de controle emocional, da imaturidade ou de uma impotência ressentida.

“Uma criança sueca doente mental”

Uma das maneiras mais comuns de negar a raiva a certos atores sociais é rotulando-a como uma doença ou um sintoma patológico. No caso de Greta Thunberg, a sugestão de que sua raiva não tinha motivação política válida, porque era, na verdade, uma questão médica, ultrapassou as estratégias baseadas na denúncia da histeria. Diversos articulistas investiram na construção de um nexos causal entre o diagnóstico de transtornos mentais de Greta Thunberg e o modo como ela apresenta suas reivindicações. Em alguns casos, a mera condição de portadora de Síndrome de Asperger foi usada para desqualificá-la. Em outros casos, a ativista era retratada novamente como uma vítima, manipulada não apenas por conta da sua idade, mas também por causa de seus transtornos.

Em artigo publicado em um *blog* da seção de cultura do *Estadão*, em 30 de agosto de 2019 e posteriormente retirado do *site*³⁵, a crítica de arte Sheila Leirner sugeriu

³⁴ Um comentário exemplar, assinado por Bruno Breyer Caldas: “Eu não assino a gazeta do povo para ficar lendo texto de esquerdista sem pé nem cabeça. Para isso posso assinar a folha de São Paulo. A menina sueca esperneia como uma criança mimada, como se o mundo pudesse resolver o aquecimento global criando vergonha na cara, enquanto o Bolsonaro fez um discurso apontando problemas e dizendo como resolver. Em ‘esquerdês’, agressivo significa ‘homem de direita falando a dura verdade’”(Idem).

³⁵ Uma cópia em cache do artigo pode ser encontrada em: <<https://www.introvertendo.com.br/wp-content/uploads/2019/09/As-trancinhas-teleguiadas-do-produto-Greta-Thunberg.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

que Greta Thunberg é um “produto” de “trancinhas teleguiadas”, cuja “idade e handicap a tornam inatacável”. A colunista culpou os pais da ativista por tornarem pública sua “perturbação neurológica” e argumentou que “um menor com uma perturbação do espectro autista, tanto quanto outros menores ‘não tem que querer’, os adultos são ainda mais responsáveis por ele”. A colunista ainda fez referências às expressões faciais de Greta Thunberg – “seu rosto não revela nenhuma empatia” – para, então, insinuar que a ambientalista era vítima de uma instrumentalização da juventude pela esquerda política.

O artigo de Sheila Leirner gerou reação imediata da comunidade autista, que pressionou, por meio de *sites* de redes sociais, o veículo a dar um posicionamento oficial sobre a publicação no *blog*³⁶. Dias depois, um grupo de professores e profissionais da saúde mental assinou um texto publicado no *El País*, intitulado “Greta Thunberg: das vozes e dos silêncios”³⁷, em que identificava os ataques à estudante sueca como uma expressão do capacitismo. Os profissionais de saúde mental definiriam o termo:

Preconceito irmão do machismo e do racismo, ele se insurge contra os corpos e funcionamentos que não seguem o padrão de uma época, e situa as pessoas com outros modos de habitar e experimentar o mundo na condição de incapazes, inferiores, sem voz e sem direito à participação na sociedade. Essa forma odiosa de discriminação tem sido usada contra Greta como estratégia para silenciar uma voz que questiona as estruturas que levaram ao colapso climático e confronta interesses poderosos.

Semanas após o ocorrido, um novo ciclo de notícias sobre Greta Thunberg na mídia por causa de sua participação na Cúpula do Clima motivou o colunista e economista Rodrigo Constantino, porta-voz da assim chamada “nova direita”, a descrever a ambientalista de “pobre menina” e “retardada”, em um programa de rádio da Jovem Pan³⁸. Dedicado a transformar a ativista em símbolo da decadência política e moral de seus adversários políticos, o analista ainda participou de um *podcast* e publicou vários textos

³⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/2vHxEnU>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

³⁷ Disponível em: <<http://bit.ly/37GQhpb>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

³⁸ Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/comunicacao/na-jovem-pan-rodrigo-constantino-chama-greta-thunberg-de-retardada-que-tem-sindrome-do-autismo/>>. O vídeo da fala de Rodrigo Constantino pode ser visto em: <<https://twitter.com/i/status/1176947436109074433>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

sobre Greta Thunberg em seu *blog* na *Gazeta do Povo*. Em um deles³⁹, Rodrigo Constantino sustentou que “Ao menos um, um renomado psicólogo australiano, afirma que a menina deveria, sim, estar em tratamento, e diz que está preocupado com seu bem-estar”. O psicólogo australiano citado ainda lamentava, segundo o autor, “que a postura de Greta possa incentivar outros adolescentes a adotar a mesma postura com os adultos, falando de forma desrespeitosa, agressiva, arrogante”.

Na opinião do comentarista político, “garotas problemáticas como Greta” serviriam de fantoche para o socialismo. De acordo com a definição de capacitismo sugerida pelos profissionais de saúde, Rodrigo Constantino isentava Greta Thunberg de culpa. Em sua visão, para a ativista, cabia apenas tratamento (“Quem efetivamente se preocupa com esses portadores de doenças mentais sabe que é fundamental submetê-los a tratamentos psiquiátricos”). No mesmo texto, o articulista ainda defendeu Michael Knowles, comentarista televisivo norte-americano, que motivou o canal de televisão *FOX News* a fazer um pedido de desculpas público após o comentarista chamar Greta Thunberg de “uma criança sueca doente mental” em um de seus programas⁴⁰.

Desde o século XIX, o campo disciplinar da psicologia paulatinamente assumiu para si a tarefa de interpretar, de modo sistemático e exclusivo, as experiências emotivas, como a raiva. Ainda que seja um campo diverso, o paradigma psicológico das emoções se fundamenta na compreensão de que elas sejam respostas instintivas, naturais e individuais a estímulos exteriores. Como Pribram (2016) observa, a radical individualização das emoções levada a cabo pelas ciências *psi* contribuiu para a contínua expansão do alcance do saber médico-psicológico, convocado a aferir e interceder em comportamentos, fenômenos e situações cotidianas outrora consideradas fora do escopo das patologias. A autora ainda observa que o paradigma psicológico das emoções dificulta a identificação das dimensões socioculturais de nossas experiências emotivas. As maneiras como a expressão da raiva podem ou não ser consideradas apropriadas são governadas por normas culturais que regem relações sociais e se fundam em dinâmicas

³⁹Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/se-greta-thunberg-tem-problemas-mentais-isso-torna-mais-sordida-sua-exploracao/>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

⁴⁰Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/09/24/fox-news-se-desculpa-apos-convidado-chamar-greta-thunberg-de-doente-mental.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

de poder. Como a autora argumenta, o que determina se a raiva é justificada ou não envolve uma série de circunstâncias que extrapolam o indivíduo raivoso.

Professor do Departamento de Geografia da USP, o meteorologista Ricardo Felício recebeu atenção da mídia⁴¹ ao criticar Greta Thunberg em sua página no Facebook. Na publicação do professor⁴², uma foto em que a ativista aparecia com expressão facial contorcida acompanhava a afirmação de que:

Depois de ver essa sua foto, pude ter certeza que você realmente precisa de um tratamento psicológico ou psiquiátrico urgente, porque a sociedade mundial não está disposta a seguir a sua insanidade. Essa sua expressão revelou que a sua representação como uma vítima é completamente falsa. O que vimos foi um lobo feroz na pele de cordeiro querendo se vingar de todo o mundo.

O meteorologista reúne, assim, dois argumentos aparentemente incongruentes. A raiva de Greta Thunberg seria decorrente de problemas psicológicos. Entretanto, sua revolta seria reprovável porque não é irracional, mas politicamente calculada. A aparente contradição da opinião do professor da USP pode ser explicada pela observação de Lyman (2004), de que transformar a raiva em um problema psicológico é a forma mais corriqueira de ocultar o discurso político expresso pela ira. Assim, os transtornos mentais atribuídos à ativista ganham uma outra dimensão. Eles se revelam em seus gestos, expressões faciais e tom de voz. E, também, no posicionamento político exposto nos discursos da ativista.

Observações finais

A raiva ocupa uma posição peculiar no campo das emoções hostis. Apesar de inexistir consenso em relação à ordenação dos sentimentos adversos, ela não é considerada, em geral, tão extrema quanto o ódio, nem tão corrosiva quanto o ressentimento. Em determinadas situações, a raiva pode ser socialmente justificada ou, até mesmo, enaltecida, seja em consequência de um dano pessoal que exige justiça, seja como expressão de indignação política diante de desigualdades sociais. Entretanto,

⁴¹ Disponível em: <<http://bit.ly/3bUtycL>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

⁴² Disponível em: <<https://www.facebook.com/1677321512349489/posts/2444561688958797>>. Acesso em 17 jan. 2020 .

semelhante às demais emoções, a raiva é objeto de vigorosa regulação, que se articula por meio de prescrições culturalmente cambiantes a respeito de quem é permitido sentir raiva, quais são os modos apropriados para demonstrá-la e contra quem ou o que ela pode ser dirigida.

A polêmica em torno do ativismo de Greta Thunberg demonstra como, na contemporaneidade, poucos atores sociais são apartados da raiva com tanta consistência quanto as crianças. Stearns (1993; 2014; 2019) observa que, a partir do século XIX, houve um intenso esforço para inculcar princípios de obediência e docilidade na criança e para apagar qualquer traço de validade da raiva infantil. Consideradas naturalmente inocentes, as crianças só manifestariam ira como resultado do exemplo de um mal comportamento de um adulto (STEARNS, 2019). A imagem ideal da criança que se naturalizaria ao longo do século XX combinaria inocência, subordinação e alegria. Uma idealização que perdura nos dias atuais, ainda que seja criticada.

Grasso (2002) sugere que a raiva é uma emoção moral, visto que está atrelada ao senso de justiça. Uma pessoa enraivecida é alguém que assume o papel de emitir juízos sobre o que considera injusto. Em nossa análise, identificamos que os adversários políticos de Greta Thunberg não reconhecem na ativista alguém apta a fazer julgamentos. Em vez de retrucar as críticas da ambientalista dentro do escopo das discussões sobre mudanças climáticas, seus antagonistas desenvolvem estratégias que pretendem desmerecer pessoalmente a jovem estudante. A infância é projetada em Greta Thunberg como uma condição limitante. Uma vez considerada criança, a ativista pode ser acusada de não ter plena consciência do que diz ou de reproduzir, inadvertidamente, ideias sugeridas pelos adultos ao seu redor. Além disso, sua veemência torna-se reprovável, na medida em que não condiz com o comportamento considerado ideal para uma criança. A raiva da ativista é desligada, então, de demandas por justiça, sendo interpretada como imaturidade infantil.

Nos mecanismos de silenciamento de Greta Thunberg, a infância é acompanhada de insinuações implícitas e explícitas sobre questões de gênero. As referências à histeria ou aos exageros emotivos da ambientalista constituem outro método para invalidar a atuação política e a indignação da estudante. É significativo que boa parte das críticas à ativista sejam feitas por homens e publicadas em veículos que se converteram em redutos

da extrema direita no país, como é o caso do jornal *Gazeta do Povo*. Ao demonstrar emoções que fogem aos *scripts* emocionais destinados às mulheres, Greta Thunberg se transforma em alvo de discursos machistas que pretendem delimitar as formas adequadas de expressão da revolta feminina. Em outras situações, a raiva da estudante é medicalizada, ao ser associada aos transtornos com os quais ela foi diagnosticada. Assim, o comportamento da ativista é afastado do contexto de lutas políticas para se tornar objeto de escrutínio e tratamento médico.

Apesar das inúmeras tentativas de desmerecer o ativismo de Greta Thunberg, encontramos no discurso midiático sobre a ambientalista outras perspectivas. Discursos que defendem a relativa autonomia infantil ou que enxergam a ativista como fruto de uma cultura em que a agência infantil é estimulada. Posicionamentos que identificam a desigualdade entre os gêneros nos modos de expressão da raiva e reivindicam para as mulheres a capacidade de enfurecerem-se. E interpretações do fenômeno que acusam de capacitismo aqueles que desmerecem Greta Thunberg pelos transtornos de desenvolvimento que possui.

Referências

- ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BLAUVELT, Martha Tomhave. **The work of the heart: young women and emotion, 1780-1830**. Charlottesville: University of Virginia Press, 2007.
- FREIRE FILHO, João. A comunicação passional dos fãs: expressões de amor e de ódio nas redes sociais. In: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando. (Org.). **Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades**. São Paulo: INTERCOM, 2013, p. 127-154.
- FREVERT, Ute. **Emotions in history: lost and found**. Budapeste: Central European University Press, 2011.
- GRASSO, Linda M. **The artistry of anger: black and white women's literature in America, 1820-1860**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2002.
- JAMES, Allison. Agency. In: QVORTRUP, Jens *et al.* (Ed.). **The Palgrave handbook of childhood studies**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009, p. 34-45.
- JIMENO, Myriam. **Crimen pasional: contribución a una antropología de las emociones**. Bogotá: Editorial Universidad Nacional de Colombia, 2004.
- LYMAN, Peter. The domestication of anger: use and abuse of anger in politics. **European Journal of Social Theory**, n. 7, v. 2, p. 133-147, 2004.

OSWELL, David. **The agency of children: from family to global human rights.** Cambridge University Press, 2013.

PRIBRAM, E. Deidre. **A cultural approach to emotional disorders: psychological and aesthetic interpretations.** New York: Routledge, 2016.

QVORTRUP, Jens (Org.). **Studies in modern childhood: society, agency, culture.** Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.

STEARNS, Peter N. Girls, boys, and emotions: redefinitions and historical change. **The Journal of American History**, v. 80, n. 1, p. 36-74, 1993.

STEARNS, Peter N. Obedience and emotion: a challenge in the emotional history of childhood. **Journal of Social History**, v. 47, n. 3, p. 593-611, 2014.

STEARNS, Peter N. Children and emotions history. **European Journal of Developmental Psychology**, v. 14, n. 6, p. 659-671, 2017.

STEARNS, Peter N. Happy Children: a modern emotional commitment. **Frontiers in psychology**, v. 10, 2019.

TOMAZ, Renata. **O que você vai ser antes de crescer: youtubers, infância e celebridade.** Salvador: UFBA, 2019.